

O influxo químico: a intoxicação

Sérgio Gondim¹

O que trago hoje para esta nossa jornada de trabalho são notícias sobre uma experiência de cartel na Escola Letra Freudiana. Quero dizer que essas notícias devem ser tomadas mais como avanços de um tempo para compreender que como uma precipitação do momento de concluir.

Gostaria, também, de dizer que o que vou apresentar do desenrolar dessa experiência de cartel conta com a surpresa do só depois e, como experiência, vale só para esse cartel e não para todos.

Um cartel: As toxicomanias

No principio era 1 que interessado pela toxicomania e pretendendo trabalhar as questões relativas ao tema no marco de uma Escola de psicanálise, convoca mais 2. Éramos 3, e a nós, mais três se juntaram, e um cartel se formou. A ele foi dado um nome: As toxicomanias. Procurando em Freud, rastros do tema que estávamos trabalhando, chegamos a seu texto de 1930, *O mal estar na civilização*. Nele, não só encontramos uma referencia à mania como nos deparamos com um trecho do escrito Freudiano que provocou uma abertura.

Nesse escrito, na parte III, Freud se pergunta o que os seres humanos exigem da vida e o que com ela querem alcançar. Diz não ser difícil acertar a resposta; “...conseguir a felicidade e mantê-la.”¹ Mas adianta-se em dizer que nossa constituição limita nossas possibilidades de felicidade e que muito menos difícil é que cheguemos a experimentar a infelicidade, pois “...de três lados ameaça o sofrimento: desde o corpo próprio que destinado a ruína e a dissolução não pode prescindir da dor e da angústia como sinais de alarme, desde o mundo exterior que pode nos abater com fúrias hiperpotentes e destruidoras, e desde os vínculos com outros seres humanos, sendo essa ultima fonte, mais dolorosa que qualquer outra”². Freud diz que não é assombroso que diante dessas possibilidades de sofrimento, os seres humanos queiram moderar suas exigências de felicidade e que os métodos mais interessantes para se precaver do sofrimento são os que procuram influir sobre o próprio organismo. Cito Freud:

É que ao fim todo sofrimento é só sensação, não subsiste senão enquanto o sentimos, e só o sentimos de certos dispositivos do nosso corpo. O método mais tosco, porém também o mais eficaz, para obter esse influxo é o químico: a intoxicação. Não creio que ninguém tenha penetrado seu mecanismo, porém o fato é que existem substâncias estranhas ao corpo cuja presença no sangue e nos tecidos nos fornece sensações diretamente prazerosas, porém alteram de tal modo as condições de nossa vida sensitiva, que nos tornam incapazes de receber monções de desprazer. Ambos os efeitos não só são simultâneos; parecem ir estranhamente enlaçados entre si. Porém também dentro de nosso “quimismo” próprio devem existir substancias que provoquem parecidos efeitos, pois conhecemos ao menos um estado patológico, o da mania, em que se produz uma

¹ Psicanalista, Membro da Escola Letra Freudiana

conduta como a de alguém embriagado sem que se tenha introduzido o tóxico embriagador.³

Uma passagem desse trecho nos interessou mais e nos colocou a trabalhar. “O método mais tosco, porém também o mais eficaz, para obter o influxo, é o químico: a intoxicação”.⁴ A palavra influxo, foi extraída texto em espanhol. A palavra alemã usada por Freud é: *einfluss*, que significa influência; estar sob a influência de alguém ou de alguma coisa; estar sob a influência (os efeitos) do álcool. A alusão ao sangue e aos tecidos, e aos efeitos prazerosos da substância no corpo, bem como o desprazer e o prazer, nos remeteram as questões do gozo, já que como diz Lacan, é preciso um corpo para que haja gozo. Alguns fragmentos clínicos enlaçaram o gozo a efeitos parecidos aos da embriagues e da intoxicação.

Nesse momento houve uma dispersão. Três participantes do cartel comunicam sua saída e novamente estávamos em três.

Um cartel: O influxo químico: a intoxicação. Do que se trata?

Para um cartel é preciso, no mínimo, 3+1 diz Lacan. Mesmo em três, queríamos seguir trabalhando e assim ficamos na espera de que pelo menos um quarto elo se juntasse a nós. Um dos participantes fala de alguém que está interessado em fazer parte do cartel que, depois de um breve período, ele apareceu. Nos nossos primeiros encontros, retomamos nosso percurso como uma maneira de situar esse quarto integrante recém chegado. Discutíamos também as questões da formação do cartel e nos perguntávamos sobre a inscrição do mesmo na escola. Ao fazermos a inscrição de nosso cartel, resolvemos dar-lhe outro nome. Nosso percurso até ali, influenciado pela leitura de Freud, nos havia ajudado a tomar um caminho mais de acordo com o que nos interessava. As palavras influxo químico e intoxicação, no texto de Freud, estão articuladas a questão do uso de substâncias, ao mal estar, a felicidade, ao sofrimento, ao prazer, ao desprazer, ao gozo. Colocou-se para nós, por esse viés, a possibilidade de podermos começar a trabalhar questões relativas ao sujeito. Demos então ao cartel o nome de: O influxo químico: a intoxicação. Do que se trata?. Os significantes freudianos estavam aí e nos perguntávamos do que se tratava na intoxicação e também do que se trata na clínica, pois para nós, o tratamento não é o da droga. Começamos a ler um texto que trazia articulações teóricas e clínicas sobre a inibição num caso onde o paciente usava cocaína. O significante inibição, encontrado no texto, nos enviou novamente a Freud, agora em Inibição, Sintoma e Angústia e daí ao seminário X – A angústia. Ainda em Lacan nos deparamos com a afirmação: “não há outra definição para droga que esta: é o que permite romper o casamento com o pequeno pipi”⁵. Um tempo de trabalho havia transcorrido. Dois integrantes apresentam trabalhos na jornada de cartéis e um deles nos comunica sua saída. Outra dispersão. Ficávamos novamente em três.

Um cartel

Mais uma vez sustentávamos a continuação do trabalho e pensávamos como fazer para que pudéssemos seguir. Colocamos um anúncio no quadro de avisos da Escola, e um

dia depois havia dois interessados. Só um deles chegou, o suficiente para fazermos quatro, e um cartel se colocar em funcionamento. Decidimos avançar em nosso trabalho e retomamos Freud. O uso da substância a que Freud se referia nos confronta com algumas questões. É certo que aqueles que chegam a uma análise e contam com o uso contínuo de álcool ou cocaína, por exemplo, podem trazer uma dificuldade adicional ao tratamento, mas não se trata de uma clínica da droga. Por outro lado não dá para ignorar o efeito da substância no corpo como nos alerta Freud. A questão nos levou a um impasse e deixamos as coisas assim. Um integrante do cartel pergunta sobre a inscrição na Escola e diz sobre o nome do cartel: - ele é muito grande, não sei, o que vocês acham? - Risos. Mas nos demos conta de que a cada dispersão e enodamento constituindo um cartel, mudávamos seu nome. Nos perguntamos o porquê da mudança do nome e o que isso teria a ver com nosso trabalho. Nossa conversa foi nos levando a falar de nossa experiência clínica e ocorreu-nos o nó borromeano tanto na formação dos cartéis quanto na clínica.

Cartel evoca quatro, $3 + 1$. Este $+1$ é alguém e sendo assim pode ser qualquer um. Função que circula, mas a qual alguém, em cada cartel, precisa lhe emprestar o nome. Espera-se que haja turbilhonamento e que cada um possa, em seu nome, retornar para escola o produto de seu trabalho. Na jornada sobre cartéis em abril de 1975, na sessão plenária de sábado à tarde do “mais uma”, Lacan diz assim: “Não se pode deixar de reconhecer nesse “mais uma” aquilo (...) que se refere estritamente a isso que escrevi: $x + 1$ que é precisamente o que define o nó borromeano, e é a partir de reiterar esse 1 - que no nó borromeano é qualquer um - que se obtém a individualização completa, ou seja, que do que sobra - a saber, do x em questão - não há mais que um por um”⁶. Ou seja, o funcionamento do cartel em sua estrutura mínima quaternária é solidária ao enodamento borromeano. O mais 1 vem sustentar o nó, esburaca e turbilhona. Sendo alguém é qualquer um e faz sobraem os outros um por um.

Mas o que a formação dos cartéis, seu funcionamento e o nó borromeano têm a ver com o tema que trabalhamos no cartel? Ao discutirmos o nó de quatro e a formação do cartel, ocorreu-me a aula de 16 de dezembro de 1975, do seminário *Le sinthome*, onde Lacan se pergunta: “Mas para que alguma coisa, que é preciso dizer que seja da ordem do sujeito - uma vez que o sujeito é apenas suposto - encontre-se em suma sustentada no nó de três, será que basta que o nó de três se enode, ele mesmo, borromeamente a três?”⁷. Lacan esclarece que para que o sujeito suposto encontre-se sustentado no nó borromeano não é suficiente que o nó se enode ele mesmo borromeamente a três, é preciso um nó de quatro, mas é a partir do nó de três que Lacan vai interrogar a existência do nó de quatro. “Do fato de que dois estejam livres um do outro - trata-se da própria definição do nó borromeano - que sustento a ex-sistência do terceiro e especialmente daquele do real em relação à liberdade do imaginário e do simbólico.”⁸. Quer dizer é a ex-stência do real em relação aos outros dois nós supõe o enodamento borromeano a três.

Para que haja um enodamento a quatro, aquele onde o sujeito é suposto, teremos que supor um quarto elo, que ex-sista aos outros três? Lacan diz que sim e nomeia este quarto elo como *sinthome*. A questão é lógica pois no nó de quatro é a ex-sistência do quarto nó que vai enodar os outros três, que estão livres. É também o quarto elo que vai dizer qual dos elos é o real. “Em três não se sabe nunca qual das três é real e é por isso que é necessário que sejam quatro...”⁹

Foi a partir da suposição da ex-sistência do real, que vem se dando o enlaçamento de nossa experiência de cartel e penso que é também preciso contar com a incidência do real no que concerne ao tratamento desses sujeitos que, as voltas com o mal estar, agregam

a ele o uso de “substâncias estranhas”, pois no real da experiência analítica, para além do uso da substância química e seus efeitos, trata-se de um sujeito e o particular de seu *sinthome*.

A cada inscrição na Escola, um cartel. Deste último cartel, que começamos há pouco tempo e que ainda não está inscrito na Escola, não sabemos o nome, mas uma direção surgiu em nosso ultimo encontro. O que é da intoxicação, mantendo a palavra de Freud, não há sem que algo do real se inscreva junto.

Durante a feitura deste trabalho, outro participante me fala sobre a escrita de seu trabalho para esta jornada e comenta sobre a dificuldade do manejo da transferência em casos onde alguns sujeitos, ao usarem uma substância, se colocam em situações extremadas e me diz algo sobre a pulsão de morte, um outro ao ouvir sobre as questões do nó lembra-se de um poeta que diz: “o real chapa”, e o terceiro, movido por sua prática, interroga alguns significantes trazidos pelos “toxicômanos”. Esta escrita me levou a percorrer outros textos de Freud, reler seminários e encontrar textos publicados em revistas da Escola que articulam questões que podem ser trabalhadas em nossos encontros. É o turbilhão que se espera numa experiência de cartel. Com enodamentos e dispersões nosso trabalho avança...

Notas e referências bibliográficas

¹ FREUD, S. O mal Estar na cultura, Amorrortu Editores, Buenos Aires, 2001, vol ,XXI

² FREUD, S. O mal Estar na cultura, Amorrortu Editores, Buenos Aires, 2001, vol ,XXI

³ FREUD, S. O mal Estar na cultura, Amorrortu Editores, Buenos Aires, 2001, vol ,XXI

⁴ FREUD, S. O mal Estar na cultura, Amorrortu Editores, Buenos Aires, 2001, vol ,XXI,

⁵LACAN, J. Sessão plenária de sábado à tarde do “MAIS UMA” in Documentos para uma Escola, Revista da escola letra freudiana, n.0, Rio de Janeiro, circulação interna, p.67.

⁶LACAN, J. Jornadas de estudo dos cartéis da Escola freudiana sessão de encerramento, in Documentos para uma Escola, Revista da escola letra freudiana, n.0, Rio de Janeiro, circulação interna, p.117

⁷LACAN, J. O seminário livro 23, O Sinthoma, Jorge Zahar editor, Rio de Janeiro, p.49

⁸ LACAN, J. O seminário livro 23, O Sinthoma, Jorge Zahar editor, Rio de Janeiro, ,p.49

⁹ LACAN, J. O seminário livro 22, RSI, aula de 15/04/75 (inédito).